



**OS ESPAÇOS DO MUSEU DO SÉC. XXI**  
**Museu Nacional de Arqueologia**  
**THE SPACES MUSEUM OF THE XXI CENTURY.**  
**NATIONAL MUSEUM OF ARCHAEOLOGY**

**Cristina Maria Grilo Lopes**

Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa

**Resumo:** Este artigo pretende analisar alguns aspetos relativamente aos espaços do museu, tendo como base o Museu Nacional de Arqueologia. Refletir sobre os seus espaços, os setores e os circuitos, como se organizam, para dinamizar e oferecer ao público nacional ou estrangeiro um pacote apelativo a nível científico e cultural.

**Palavras chave:** Museu Nacional de Arqueologia. Espaços. Museu.

**Abstract:** This article aims to analyze some aspects concerning the museum spaces, based on the National Museum of Archaeology. Reflect on their spaces, sectors and circuits, how they are organized to energize and provide to the public an appealing package at scientific and cultural level.

**Keywords:** National Museum of Archaeology. Spaces. Museum.

## **INTRODUÇÃO**

Após a 2ª Grande Guerra, principalmente na Europa, reconstroem-se ou constroem-se de raiz um número considerável de novos museus. O que aconteceu também na América do Norte e no Japão. Grandes nomes da arquitetura são chamados, a partir da década de 50 para elaborar projetos de museus, tais como Le Corbusier que projetou o Museu de Arte Ocidental de Tóquio, Frank Lloyd Wright o Museu Guggenheim, em Nova Iorque, ou a equipa Gardella, Michelucci, Scarpa e Guido Morozzi na remodelação da Galeria dos Uffizi em Florença, entre outros.

Todavia, as grandes modificações foram implementadas sobretudo pelo Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, o primeiro a adquirir obras de todas as tendências de arte contemporânea e fotografias, e a organizar de forma sistemática, exposições temporárias e itinerantes, conferências, debates com artistas, etc. A sua atividade permanente, servirá de exemplo a todo o mundo, surgindo assim um novo período para a vida dos museus. Criam-se condições para assistir a espetáculos, tomar uma refeição, consultar livros, revistas e publicações na biblioteca, ou adquirir na sua loja, não apenas reproduções, catálogos e livros, mas também objetos de bom design que servem também para incrementar as ações de merchandising da própria instituição.

Em 1984 surge no âmbito da UNESCO, a denominada “Declaração de Quebec” na qual se reafirma a projeção social do Museu moderno em detrimento das funções tradicionais que costumava deter. A partir deste momento a museologia é encarada como uma ciência multidisciplinar, e que aspira a oferecer uma visão relativamente global, dos problemas de um ponto de vista científico, social, cultural e económico.

O Museu é “Uma instituição ao serviço da sociedade, que adquire, conserva, comunica e apresenta para fins de estudo, de salvaguarda e de desenvolvimento do património, de educação e de cultura, os testemunhos representativos da natureza e do homem.” (George-Henri Riviére, 1989) Este museólogo deu a conhecer uma nova linguagem, entusiasmou-nos na introdução dos audiovisuais, atualmente tão em voga, e falou do interesse dos ecomuseus, que hoje têm uma expansão mundial. Este trabalho pretende refletir sobre os espaços dos museus, os seus setores e os circuitos, como se organizam para oferecer ao público nacional ou estrangeiro um pacote apelativo a nível científico e cultural.

## O MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA

Este é um museu emblemático a nível nacional tanto para a Arqueologia como para a museologia. A 20 de Dezembro de 1893 por decreto régio de fundação proposto por João Franco e Benardino Machado, o museu surge como uma espécie de prolongamento do Museu de Antropologia instalado na Comissão dos Serviços Geológicos, sendo seu diretor o Dr. José Leite de Vasconcelos. Desde 1903 o museu situa-se na ala ocidental do Mosteiro dos Jerónimos, naquela que era a zona do antigo dormitório dos monges. Os Jerónimos são um testemunho monumental da riqueza dos Descobrimentos portugueses. Encomendado pelo rei D. Manuel I foi iniciada a sua construção em 1502 financiada sobretudo pelo lucro do comércio de especiarias. O seu nome deriva do facto de ter sido entregue à Ordem de São Jerónimo, que aí permaneceu até 1834. O Mosteiro sobreviveu ao sismo de 1755 mas foi reformado em estilo neomanuelino na segunda metade do século XIX, após as danificações das invasões francesas e elevado à categoria de Monumento Nacional em 1907 e Património Mundial pela Unesco em 1984.



Fig. 1- Entrada do Museu (fotografia da autora Abril 2013)

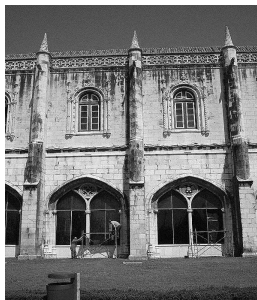


Fig. 2 - Lateral esquerda da entrada com remodelação de janelas (fotografia da autora Abril 2013)



As imagens referem-se à entrada principal do museu, tendo sido aberta uma segunda entrada na década de noventa, por iniciativa do então diretor Dr. Luís Raposo, junto à entrada para a nave central do Mosteiro e do Museu da Marinha, para incremento de ingressos ao museu. Em 24 de Abril de 2013, aquando do registo fotográfico para esta comunicação foi possível presenciar o desenvolvimento entusiástico com que toda a equipa está envolvida para dinamizar e rentabilizar este foco de cultura nacional e tradição que a todos orgulha e enriquece.

O museu funciona como polo dinamizador e um dos principais intervenientes no quadro na arqueologia portuguesa, atualmente a celebrar os 120 anos de existência é uma instituição de referência com protocolos e correspondência regular com outros museus, universidades e centros de investigação em todo o mundo. Graças a um conjunto de importantes trabalhos teóricos e práticos e uma coerente parceria com diversos organismos públicos e privados tem desenvolvido uma abordagem eminentemente contemporânea daquilo que é o panorama da Arqueologia portuguesa. A evidente vitalidade dos estudos arqueológicos, integra-se de certa forma, num interesse pelas componentes intelectuais, cognitivas e simbólicas das sociedades do passado, tão valorizadas pela agenda pós-processual *latu sensu* (Hodder, 1992: 10-4). O que tem contribuído para que as diversas linhas de pesquisa, tanto no que se reporta à Arqueologia como à Museologia, tenham enriquecido substancialmente (alguns), dos seus vetores de estrutura político-social (Hodder, 1982a). É pois necessário capitalizar nessa abordagem o conceito da musealização deste espaço.

## OS ESPAÇOS EXPOSITIVOS

O seu notável acervo é constituído pelas coleções do seu fundador Dr. José Leite de Vasconcelos e do arqueólogo Estácio da Veiga. A estas acrescem outras por integração a partir de departamentos do Estado (Tais como a coleção de arqueologia da antiga Casa Real Portuguesa, aqui incorporada após a implantação da República, ou a coleção de arqueologia do Antigo Museu de Belas Artes, quando se criou o Museu Nacional de Arte Antiga), ou por doação ou legado de colecionadores e grandes amigos do museu (tais são os casos de doações de Bustorff Silva, Luís Bramão, ou Samuel Levy, entre outros), finalmente aquelas que são fruto de atividade de trabalho de campo do próprio museu ou de outros arqueólogos, que ao abrigo da legislação aplicável, são incorporadas sempre que se considere o seu valor nacional de bens arqueológicos.

Quanto às exposições permanentes são “Tesouros da Arqueologia Portuguesa” com um discurso museográfico típico dos anos oitenta e a “Antiguidades Egípcias” tendo sido recentemente intervencionada e consequentemente com um discurso museográfico mais contemporâneo e refinado. Para além das exposições permanentes, são frequentemente organizadas mostras temporárias sobre diversos temas subordinados à arqueologia e que trazem a este espaço os resultados de intervenções arqueológicas, que permitem no atual estado de conhecimentos, construir discursos narrativos e modelos interpretativos sobre as sociedades do passado do atual território português.

No que diz respeito à exposição “Tesouros da Arqueologia Portuguesa” é uma coleção de ourivesaria arcaica que começou a ser reunida por José Leite de Vasconcelos e que foi sendo aumentada ao longo de várias décadas. É constituída por 1500 peças das quais cerca de 600 se encontram expostas e que foram fruto de aquisições e recolhas avulsas e, só nalguns casos, de escavações arqueológicas, o que explica por vezes a ausência de informações acerca das circunstâncias do seu achado e dos contextos arqueológicos.

Da coleção de joalharia antiga destaca-se um conjunto de ourivesaria pré-romana — um dos mais importantes do seu tipo e cronologia em toda a Europa. Permite observar-se a evolução destas artes decorativas, através dos gostos e dos estilos artísticos, assim como das técnicas de fabrico e dos contactos comerciais das populações que então habitavam o atual território português. Segundo um percurso cronológico, onde podem ser observadas verdadeiras obras-primas da ourivesaria, de que se destacam os torques, que simbolizam o poder dos guerreiros e as arcadas de utilização feminina, bem como moedas de prata e ouro ou mesmo armas.

A outra exposição permanente “Antiguidades Egípcias”, é constituída por mais de quinhentas peças, das quais cerca de trezentas se encontram expostas. É o maior acervo de peças egípcias em Portugal, tendo sido em grande parte reunido pelo Dr. Leite de Vasconcelos, quando visitou o Egipto em 1909, a que se adicionaram posteriormente as peças da coleção da rainha D. Amélia de Orleães, assim como importantes doações feitas por diversos colecionadores, com destaque para a família Palmela, Bustorff Silva e Barros e Sá.

As peças em exibição encontram-se distribuídas de acordo com um critério temático-cronológico que vai desde a Pré-história (c. 6000-3000 a. C.) à época Copta (395-642 d.C.) e nela estão representados os grandes períodos da civilização egípcia. Cada uma das catorze unidades expositivas é acompanhada por um texto de apresentação. A figura 7 é referente à Pré-história, mostra-nos o Paleolítico e o Neolítico representados com os seus objetos líticos, os vasos de boca negra ou com decoração geométrica e as paletas para cosméticos. Seguindo-se os recipientes em pedra, sobretudo em alabastro, objetos do quotidiano, a epigrafia e lítica funerária (com estelas e altares de oferendas), estatuária e fragmentos diversos.

Uma boa mostra de estatuetas funerárias conhecidas pela designação de *chauab-tis*, de que as figuras 9 e 10 são ilustrativas, bem como amuletos, escaravinhos e um núcleo de estatuetas votivas e de servos estão aqui bem representadas. A unidade dedicada à mumificação inclui dois sarcófagos, uma múmia humana, máscaras funerárias, vasos de vísceras, barco votivo, entre outros objetos que se sustentaram na crença da mumificação como ponte para a eternidade.

Rematando-se o circuito com os cones funerários, os bronzes e os tardios materiais do Egipto greco-romano e do Egipto copta. O *Lisbon Mummy Project* é uma parceria entre o MNA e o IMI-Art, sector de arte e arqueologia do IMI (Imagens Médicas Integradas) tendo-se iniciado em 2007 com a análise de sete múmias animais da coleção do Museu. Em 2010, devido ao apoio da Siemens foi possível iniciar o



presente estudo das múmias humanas do MNA. O catálogo da exposição, da autoria do comissário científico, Professor Luís Manuel Araújo que para além de apresentar um inventário sistemático das coleções, amplamente ilustrado, fornece também os indispensáveis elementos da sua integração cronológico-cultural.

A exposição *Religiões da Lusitânia. Loquuntur saxa* que teve início a 27 de Junho de 2002, e cujo comissário científico foi o Dr. José Cardim Ribeiro, está desde essa data patente na galeria oriental. *Hispania Aeterna* e *Roma Aeterna*, duas tradições que se encontram e se sincretizam por força da *Pax Romana*. Há cerca de cento e dez anos o fundador, Dr. Leite de Vasconcelos, começava a trabalhar naquela que viria a ser a obra seminal da sua carreira “Religiões da Lusitânia”, a exposição presta homenagem a essa dedicação e persistência do seu trabalho que tanto enalteceu a arqueologia e a cultura nacional. A estrutura da exposição projetada para durar mais do que o usual, foi da responsabilidade da dupla de arquitetos Carlos Guimarães e Luís Soares.

Das 313 peças que inicialmente integraram a exposição, cerca de 250 pertencem ao próprio acervo do MNA e já faziam parte dos estudos efetuados por Leite de Vasconcelos. As restantes foram cedidas por diversas instituições, do Minho ao Algarve, passando naturalmente por Mérida. Esta mostra está subdividida em pequeno núcleos, consagrados a fenómenos particulares ou conjuntos de divindades específicos. A figura 13 mostra um expositor integrando diversos artefactos, enquanto a figura 14, proveniente de Milreu, Faro com uma faixa cronológica do século I-II d.C. é um exemplo paradigmático da estatuaría romana. Tal como as imagens infra, que foram recuperadas na sequência de uma intervenção arqueológica, liderada pelo Dr. António Carvalho na quinta das Longas, em Elvas. Estes exemplares revelam uma clara influência grega e são bastante exemplificativas de um acervo que revisita o território de um império que se estendia do Cabo da Roca à Mesopotâmia.

Os dois núcleos em que se divide, partem do pressuposto de sistematização desse *corpus* documental e fez-se de acordo com uma abordagem que permite enquadrar os aspetos religiosos num mais vasto tecido social, político e económico da romanização ou romanidade no período entre os séculos I e IV d.C. No primeiro dos núcleos, estão patentes deuses associados a montanhas ou bosques, exemplares do culto do Endovéllico, uma das divindades indígenas mais populares, bem como inscrições em lusitano, que é demonstrativo do esquema tripartido de divindades, e que foi largamente utilizado pelos diversos povos indo-europeus.

Nesta divisão existem três níveis distintos, onde se inserem os deuses principais, ou de primeira função, e nos quais se inscreve *Reva*, por exemplo, no segundo nível, os deuses guerreiros, os da força e da heroicidade, e finalmente os *numina* tutelares, divindades locais, com culto geralmente muito circunscrito (à exceção de Endovéllico). No Núcleo “Roma Aeterna”, o acervo exposto passa pelo culto imperial, nas suas dimensões pessoal, sacerdotal e comunitária. Pela tríade capitolina, isto é Júpiter, Juno e Minerva, assim como os deuses marciais Marte e Vitória, por Vénus, dita antepassada de divino César, por Apolo e Esculápio, os deuses da saúde, por Fortuna, senhora do destino, ou por Ísis, Cibél e Mitra, divindades cultuadas no Egipto, Ásia Menor e Pérsia.

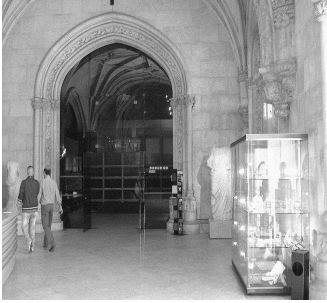


Fig. 3 - Vista parcial do átrio da entrada principal (fotografia da autora Abril 2013)

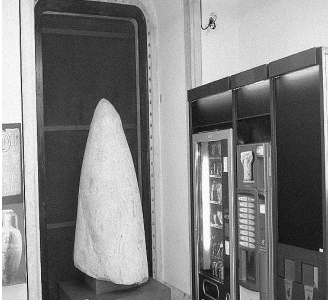


Fig. 4 - Zona de lavabos e snacks com um menir nacional decorado (fotografia da autora Abril 2013)



Fig. 5 - "Tesouros da Arqueologia Portuguesa" com pilares expositivos (fotografia da autora Abril 2013)



Fig. 6 - "Tesouros da Arqueologia Portuguesa" com vitrinas expositivas (fotografia da autora Abril 2013)

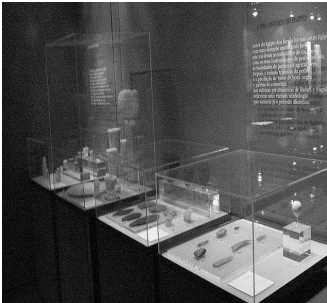


Fig. 7 - Zona expositiva da Pré-história do Egipto (fotografia da autora Abril 2013)

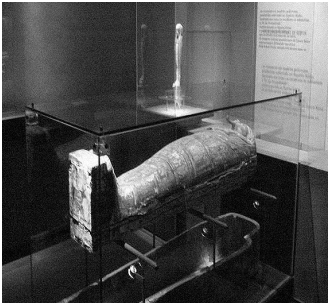


Fig. 8 - Sarcófago de Pabasa (fotografia da autora Abril 2013)





O MNA é ainda o museu nacional que possui no seu acervo a maior quantidade de peças classificadas como “tesouros nacionais”. Existe pois sempre motivo de descoberta nas suas coleções e é esse aliás o motivo da evocação que se faz ao promover a *peça do mês*, que em Abril de 2013 é a Ara de *Calpurnia Hegesistrate*. Esta peça é proveniente de Avis, Portalegre, pertencente ao período romano, séc. II d. C. em destaque na Figura 17. Esta é uma exposição de grande dignidade a que os padrões ditos clássicos tão bem nos acostumaram.

A exposição “QUINTA DO ROUXINOL. Uma olaria romana no estuário do Tejo” está patente ao público desde 19 de Março de 2008. Esta iniciativa partiu da organização conjunta do MNA e do Ecomuseu Municipal do Seixal. A exposição visa dar a conhecer uma olaria de Época Romana, identificada na Quinta do Rouxinol (Corroios, Seixal), contextualizando-a no sistema económico regional e imperial. Os dois fornos preservados e estudados funcionaram dos finais do séc. II às primeiras décadas do séc. V, produzindo loiça de cozinha e de mesa e ânforas destinadas ao envase e transporte de preparados de peixe e, provavelmente, de vinho, pontualmente, também terão produzido lucernas.

Aí está representado uma réplica de um dos fornos da olaria, da quinta do Rouxinol, à escala natural, preenchido com reproduções fiéis de ânforas e cerâmica comum recolhida *in situ*, que elucidam de muitos dos aspetos socioeconómicos destas populações.

Esta exposição tem uma componente textual muito forte, diversos audiovisuais que apoiam a informação e som de fundo de rouxinóis evoca um ambiente intimista e acolhedor. Um discurso museográfico contemporâneo que adequou a apresentação do sítio arqueológico, enquadrando-o devidamente nos mecanismos da economia local e imperial romana, de forma a explorar o seu potencial enquanto elemento mediador da transmissão de conhecimentos sobre a temática dos centros produtores de cerâmica.

A exposição “Mudança Global. Símbolos e Tecnologias nas Origens do Agro-Pastoralismo no Alto Ribatejo” teve início a 21 de Fevereiro de 2013. Colaborando para a sua realização o Museu de Arte Pré-histórica de Mação, o MNA e o Instituto Politécnico de Tomar conjugaram esforços. Abordando uma das etapas da transição do Paleolítico para o Neolítico, no vale do Tejo.

O comissário científico foi o Dr. Luiz Oosterbeek, a organização esteve a cabo do Dr. José Saldanha e do Dr. António Carvalho. A coordenação foi do Dr. Luiz Oosterbeek, Dr. Luís Raposo, Dra. Ana Isabel Santos, Dr. Nelson Almeida e Dr. Ivo Oosterbeek. A tratar da museografia esteve o Professor Mariano Piçarra, Dr. Joana Nascimento, Dr. Ivo Oosterbeek, Dra. Rita Albergaria, Dr. Nelson Almeida e o Dr. Mário Antas as réplicas estiveram a cargo do Dr. Jedson Cerezer e do Dr. Pedro Cura.

São aqui mostrados os resultados das escavações realizadas ao longo das últimas três décadas em sítios arqueológicos que se situam nos atuais concelhos de Alcanena, Abrantes, Chamusca, Constância, Entroncamento, Ferreira do Zêzere, Golegã, Mação, Tomar, Torres Novas e Vila Nova da Barquinha, têm contribuído para a constituição de um repositório de enorme valor científico e patrimonial. Nem espaço relativamente

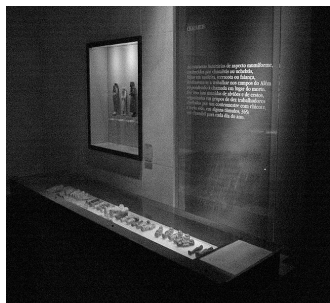


Fig. 9 - Expositor com Chauabtis (fotografia da autora Abril 2013)

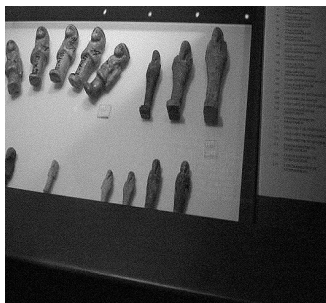


Fig. 10 - Pormenor com Chauabtis e legenda (fotografia da autora Abril 2013)



Fig. 11 - Múmia estudada no Lisbon Mummy Project (fotografia da autora Abril 2013)



Fig. 12 - Artefactos de época Copta (fotografia da autora Abril 2013)



Fig. 13 - Interior da exposição (fotografia da autora Abril 2013)

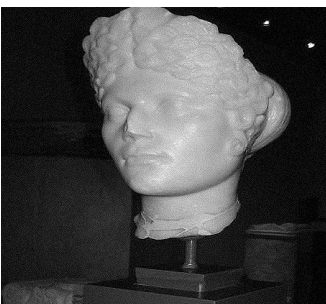


Fig. 14 - Cabeça-retrato de uma jovem mulher (fotografia da autora Abril 2013)





exíguo, que foi anteriormente um pequeno sítio de conferências, foi construído um discurso estético e simbólico verdadeiramente elegante e equilibrado. Desde os suportes expositivos, a iluminação, a distribuição e organização dos materiais, a seleção da informação e a sua localização estratégica, foram notoriamente tratados por uma equipa eficiente e conhecedora da museografia e museologia e de maximizar o impacto visual, mantendo um nível de elevado critério científico-cultural.

## OUTROS ESPAÇOS DO MUSEU

O museu possui no piso superior biblioteca, laboratório, gabinetes de investigação, serviços administrativos, serviços educativos e reservas. Outros serviços disponibilizados pela instituição são por exemplo a edição regular de publicações, de que sobressai a revista científica “O Arqueólogo Português”, editada desde 1895 e com uma rede de mais de 300 instituições correspondentes em todo mundo, conservação e restauro de bens arqueológicos, seminários, conferências e cursos da especialidade.

A biblioteca é uma das mais importantes bibliotecas portuguesas especializadas em arqueologia, é constituída por um acervo documental com cerca de 22.000 monografias, 1800 títulos de publicações periódicas, cerca de 850 folhetos de literatura de cordel (já incluídos na base de dados) mapas, 5 incunábulos, coleção de manuscritos, de livros antigos, gravuras e arquivos pessoais de Leite de Vasconcelos, Manuel Heleno (manuscritos do autor, correspondência e fotografias), Fernando de Almeida (manuscritos), Estácio da Veiga (manuscritos do autor, fotografias e desenhos), Luís Chaves (manuscritos de etnografia) e doações de bibliotecas de Nuno Carvalho dos Santos, Hipólito Raposo e Gustavo Marques.

O Dr. Leite de Vasconcelos, deixou em testamento ao MNA, parte do seu espólio científico e literário, que constitui o mais prestigioso legado existente no acervo documental da biblioteca. Este fundo bibliográfico é formado pela livreria pessoal de J.L.V., correspondência, apontamentos e documentação que utilizou na elaboração dos seus numerosos trabalhos científicos. A consulta desta documentação reservada é restrita a investigadores, mediante pedido por escrito dirigido ao Diretor.

O laboratório do Museu Nacional de arqueologia tem como principal área de atuação a conservação e restauro de objetos metálicos, cerâmicos, pétreos e orgânicos provenientes de contextos arqueológicos, das coleções do museu e, pontualmente, objetos pertencentes a outros Museus e instituições. Um outro campo de ação e indissociável de todas as outras áreas é a conservação preventiva, essencial para garantir a preservação do espólio. A sua filosofia assenta no respeito pela perenidade e integridade do objeto regendo-se pelos princípios deontológicos da conservação e restauro.

O Serviço Educativo e Sector de Extensão Cultural, com o apoio do Grupo de Amigos do Museu Nacional de Arqueologia, desenvolve e promove no âmbito das exposições permanentes e temporárias, visitas guiadas, visitas guiadas com dramatização, jogos educativos e temáticos, assim como ateliers pedagógico-didáticos para públicos escolares e não escolares. Quando solicitado, o Serviço orienta estudantes, professores e educadores na preparação de visitas e outras atividades.



Fig. 15 - Figura masculina angüpeda séc. III d.C. (fotografia Matriznet)



Fig. 16 - Estatueta feminina séc. III d.C. (fotografia Matriznet)



Fig. 17 - A peça do mês, com destaque (fotografia da autora Abril 2013)

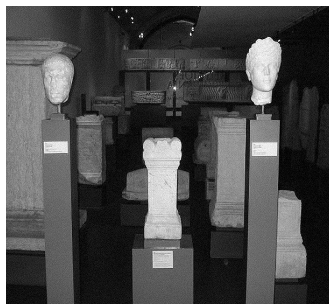


Fig. 18 - Ara ladeada por duas cabeça-retrato (fotografia da autora Abril 2013)



Fig. 19 - Entrada da exposição (fotografia da autora Abril 2013)



Fig. 20 - Réplicas de recipientes anfóricos (fotografia da autora Abril 2013)



Fig. 21 - Texto, fotos e audiovisual (fotografia da autora Abril 2013)



Fig. 22 - Texto, fotos e cartografia (fotografia da autora Abril 2013)

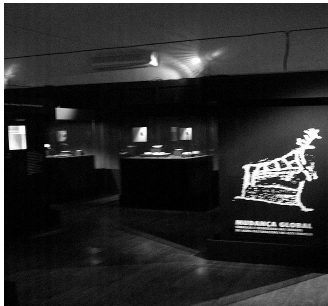


Fig. 23 - Entrada da exposição (fotografia da autora Abril 2013)



Fig. 24 - Vista parcial (fotografia da autora Abril 2013)

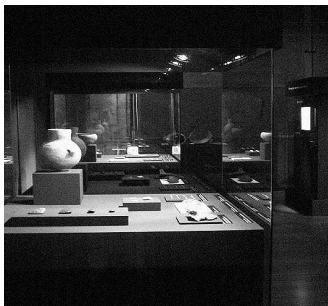


Fig. 25 - Vista lateral de um expositor (fotografia da autora Abril 2013)



Fig. 26 - Detalhe de um expositor (fotografia da autora Abril 2013)



Fig. 27 - Biblioteca (fotografia da autora Abril 2013)

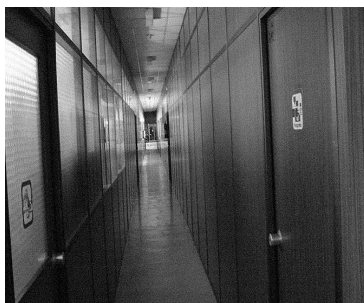


Fig. 28 - Acesso aos gabinetes de investigação e laboratórios (fotografia da autora Abril 2013)

## CONCLUSÃO

Foi ao longo deste artigo traçado um percurso possível de visitação daquele que é um caso de referência para a arqueologia portuguesa, que naturalmente está incompleto mas que na atual conjuntura político social, me pareceu um trajeto interessante para refletir e dar a conhecer alguns dos aspetos e problemáticas. *É inevitável que a investigação contemporânea proceda ao seu inquérito baseando-se nos seus próprios conceitos, conceitos estes que são culturalmente específicos e historicamente circunstanciais* (Renfrew, 1994: 47). Foi privilegiada nesta redação sobretudo uma síntese da museologia contemporânea e a análise dos espaços expositivos, sobretudo no que respeita ao enquadramento da práxis museográfica e da consistência teórica e metodológica das exposições. Os espaços expositivos pela sua dimensão, localização e carácter simbólico, estão na sua generalidade adequadamente ajustados à função.

Encerro este artigo, deixando uma sugestão que me parece pertinente e pessoalmente apelativa enquanto proposta de investigação. O desenvolvimento de um programa científico de investigação no Museu Nacional de Arqueologia em coleções e planificação museológica. Esta proposta parte da crescente consciência de que a arqueologia além de estudo do passado é também ação no presente.

Contactar a autora: [clopes99@gmail.com](mailto:clopes99@gmail.com)

Artigo submetido a 30 de Abril e aprovado a 15 de Maio de 2013

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, L. M. de — Antiguidades Egípcias, I, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa: Instituto Português de Museus, 1993.
- ARAÚJO, L. M. de — Dicionário do Antigo Egipto, Lisboa: Editorial Caminho, 2001.
- HODDER, I. — Theoretical archaeology: a reactionary view. In: HODDER, I. (ed.) *Symbolic and structural archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982, p.1-16.
- HODDER, I. — *Symbols in Action: Ethnoarchaeological Studies of Material Culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982b.

- HODDER, I. — Theory and Practice in Archaeology. Londres: Routledge, 1992.
- NOGALES BASARRATE T. — La investigación en los Museus. Una actividad irrenunciable: Museus. es.nºo, 2004, p.107-120.
- NOGALES BASARRATE T. — Catálogo de publicaciones del MNAR. MÉRIDA, 2008.
- RIBEIRO, C. J. - Religiões da Lusitânia — Loquuntur Saxa, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 2002.
- RENFREW C. — The Archaeology of Religion. In: RENFREW, C. and ZUBROW, E. (eds.) — The Ancient Mind: Elements of Cognitive Archaeology, Cambridge: Cambridge University Press.1994, pp.47-54.
- VASCONCELLOS, J. L. de — Religiões da Lusitânia, I. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1897.
- VASCONCELLOS, J. L. de — Religiões da Lusitânia, II. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1905.

## NETGRAFIA

- Url:<<http://www.mnarqueologia-ipmuseus.pt/?a=0&x=3> >. Acesso em 3 abr. 2013
- Url:<<http://www.matriznet.imc-ip.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosListar.aspx?TipoPesq=2&NumPag=1&RegPag=50&Modo=1&Criterio=quinta+das+longas> > Acesso em 5 abr. 2013
- Url: <<http://www.igespar.pt/pt/publications/category/49/assets/> > Acesso em 10 mar. 2013



MUSEU